

Ricardo Benzaquen, presença no IUPERJ¹

Maria Alice Rezende de Carvalho*

Em 1987, o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ era um centro isolado e muito influente de pesquisa e ensino pós-graduado em Sociologia e Ciência Política. Fora criado no final da década de 1960, na vigência da ditadura militar, com uma agenda intelectual dedicada à questão da democracia política, suas instituições e procedimentos. Tal agenda se materializara em pesquisas sobre partidos políticos, dinâmica legislativa, sobre a burocracia e a forma do Estado no Brasil, logo complementadas por outras tantas, relativas à questão social brasileira, gênero, raça, pobreza e violência urbana, que, como se sabe, ganhavam destaque no debate público sobre as democracias contemporâneas. Era um centro cosmopolita, com grande número de professores formados em instituições estrangeiras, notadamente norte-americanas, cujo empenho na institucionalização das ciências sociais no país se traduzia num excessivo zelo pelas fronteiras disciplinares. A lógica da especialização disciplinar era dominante, ainda que, vez por outra, tal princípio fosse tensionado por alguma atividade, um seminário ou uma tese defendida.

Naquele ano, como desfecho de um processo de discussão sobre a reprodução institucional e a necessidade de ampliação do corpo docente, o IUPERJ resolveu contratar três cientistas sociais mais jovens, ainda em estágio de formação – pois nenhum deles havia defendido sua tese de doutorado – e detentores de trajetórias que não espelhavam exatamente o entendimento majoritário da Casa quanto ao que deveria ser o perfil de um sociólogo ou de um cientista político. Dizia-se que era esse, afinal, o objetivo: trazer para a instituição um novo conjunto de temas e preocupações capazes de fertilizar a produção de conhecimento nas referidas áreas. Mas se a intenção era essa, não deve ter sido consensual...

* Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPG-CIS) da PUC-Rio e coordenadora do Núcleo de Estudos e Projetos da Cidade (CENTRAL), no Centro de Ciências Sociais daquela universidade. E-mail: malice@puc-rio.br.

¹ Todas as declarações de ex-alunos de Ricardo Benzaquen que constam deste texto foram extraídas do site sociofilo.iesp.uerj.br.

Ricardo Benzaquen de Araújo, contratado pelo IUPERJ em 1987, tinha uma trajetória bastante distante das pesquisas e das disciplinas – se estritamente consideradas – que davam nome àqueles programas de pós-graduação. Era bacharel em história, formado pela PUC-Rio, e mestre em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional, tendo completado lá também os créditos que o credenciavam à elaboração e defesa de sua tese de doutorado. Tinha 35 anos de idade e trabalhava no Departamento de História da PUC-Rio, onde fora personagem decisivo na modelagem do curso de Pós-Graduação em História Social da Cultura, gozando de muito prestígio entre seus pares. Portanto, após aceitar o honroso convite que lhe fez o IUPERJ, Ricardo passou a se dividir entre três planetas distintos: o da sociologia, em que se dispusera a trabalhar; o da antropologia, em que mantinha uma expectativa forte em relação ao reconhecimento que poderia advir de um bom trabalho de conclusão do doutorado; e o da história, em que experimentava o genuíno prazer de avançar na construção de uma realidade institucional do seu gosto e tamanho. Ricardo, como se sabe, jamais deixará o Departamento de História da PUC-Rio.

É claro que IUPERJ e Museu Nacional eram instituições pioneiras na pós-graduação em suas respectivas sub-áreas – ciência política e antropologia social –, o que lhes garantia uma posição privilegiada no sistema nacional de ensino e pesquisa, incluídas aí agências de fomento e instâncias de legitimação. Isso significava que um convite do IUPERJ era uma via de consagração da trajetória do convidado, além de lhe abrir oportunidades futuras. Era, pois, um chamamento irresistível contra o qual Ricardo não gastou argumentos, mesmo sabendo que já acumulava um conjunto razoável de atribuições, tornadas ainda mais custosas pelo rigor que emprestava, ou pretendia emprestar, a cada uma de suas tarefas.

A tese de Ricardo Benzaquen – *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30* – foi escrita no IUPERJ, no tempo possível, entre as aulas e uma quantidade impressionante de sessões de orientação de alunos de mestrado e doutorado, a que ele se entregava sem restrições. Nas palavras de um desses alunos, Paulo Henrique Granafei, autor da tese *A Ironia como Vocação: mais uma epistemologia das ciências sociais* (IESP, 2012, Renato Lessa), se entrevê a rotina de Ricardo:

“Benzaquen era famoso por sua disponibilidade. Era bastante comum passarmos pelo seu gabinete e vermos uma pequena

fila de alunos aguardando para falar com ele. Pequena fila em se tratando da quantidade de pessoas; pois se considerássemos o tempo que ele iria gastar com cada um, sabíamos que aquilo lhe tomaria uma tarde inteira. Ele, no entanto, parecia não se importar. Não marcava o tempo no relógio, ficava com o aluno o quanto fosse necessário. Às vezes era capaz de dar praticamente uma aula particular, tão erudita quanto eram as coletivas.

Tive o privilégio de algumas dessas longas palestras em privado. Na última, como ninguém esperasse depois de mim e, pelo horário, ele não fosse mais trabalhar, achei oportuno perguntar sobre sua mãe, idosa, pois sabia que ela vinha passando por problemas de saúde. Perguntei por certa preocupação com ele e como maneira de retribuir a atenção. Falou-me um pouco da mãe, das filhas, sem esconder o orgulho que sentia por elas, jogamos um pouco de conversa fora.

Era um modo de expressar minha gratidão.”

Ricardo orientou 23 dissertações de mestrado e 15 teses de doutorado no IUPERJ, entre os anos de 1987 e 2010, quando a instituição passou por uma reconfiguração administrativa conduzida pela Universidade Cândido Mendes. O desempenho de Ricardo Benzaquen já seria impressionante não fossem suas orientações nos demais programas de pós-graduação em que atuou: o Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP, da UERJ (2009-2012), e, principalmente, o programa de História Social da Cultura, da PUC-Rio (1986-2017). Somadas todas elas, Ricardo Benzaquen é coautor de 50 dissertações e 29 teses, deixando ainda incompletos quatro trabalhos de conclusão de mestrado e três de doutorado, alguns deles em estágio bastante avançado de elaboração.

Sua primeira experiência como professor-orientador, aliás, foi no IUPERJ, com a dissertação de mestrado de Mirian Sepúlveda, intitulada *História, tempo e memória: um estudo sobre museus*, defendida em 1989. A ela se seguiram:

1	Marcos Chor Maio	<i>Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antisemita de Gustavo Barroso</i>	Ciência Política	1991
2	Gilson Pinto Gil	<i>Memórias²: "Aventura e Civilização. Individualismo e Racionalização em Robinson Cruzo"; e "Fragmento Social, Utopia e Responsabilidade. Ética e Modernidade no Pensamento Social de Georg Simmel, Georg Lukács e Max Weber".</i>	Sociologia	1991
3	Manuel Eduardo Aires	<i>Espaço Político e Espaço Privado: Uma Abordagem Comparativa das Concepções de Richard Semet, Hannah Arendt e Jürgen Habermas</i>	Ciência Política	1993
4	Robert Wegner	<i>Teoria sociológica na Escola de Chicago: a obra de William Isaac Thomas</i>	Sociologia	1995
5	Anthony Albert Fischer D'Andrea	<i>O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais</i>	Sociologia	1996
6	Alexandre Húngaro da Silva	<i>A ordem social na Commercial Society: uma leitura a partir de Edmundo Burke</i>	Sociologia	1996
7	Eduardo Condé	<i>Argos e Polifemo. Política e cultura no pensamento de José Guilherme Merquior</i>	Ciência Política	1996
8	José Mauro de Freitas Jr.	<i>Tragédia e Utopia: a trajetória do pensamento o jovem Lukács</i>	Sociologia	1997
9	Augusto C. Freitas de Oliveira	<i>A sociologia do branco e a questão moral no Pensamento de Álvaro Bomilcar</i>	Ciência Política	1999
10	Ricardo José de Azevedo Marinho	<i>Gilberto Freyre político</i>	Sociologia	2002
11	Bianca Cristina Vieira Pereira	<i>A casa, a rua, e a bola: carnavalização da linguagem e brasilidade nas crônicas de Nelson Rodrigues</i>	Sociologia	2002

²O IUPERJ admitia, para a finalidade de ingresso de seus alunos no Doutorado, a substituição da dissertação de Mestrado por duas Memórias elaboradas pelo candidato ao longo do curso e selecionadas pelo orientador para comporem o dossiê de admissão.

12	José Fernando Rodrigues de Souza	<i>Paixão e fragmentação: análise comparativa do pensamento social de Capistrano de Abreu e Paulo Prado</i>	Sociologia	2002
13	Fernando Cesar Vasconcelos	<i>Trânsito, ritmos desiguais e violência no asfalto</i>	Sociologia	2003
14	Maurício Maia Aguiar	<i>José de Alencar e a invenção romântica da tradição brasileira</i>	Sociologia	2004
15	Vinícius Bogéa Câmara	<i>Otto Maria Carpeau: exílio, adaptação e modelagem do self no Novo Mundo</i>	Sociologia	2004
16	Valéria da Silva Paiva	<i>Sociabilidade, retórica e modelagem da identidade na sociedade de Corte: uma leitura de Baldasare Castiglione e Torqueto Accetto</i>	Sociologia	2005
17	Arthur Coelho Bezerra	<i>Modernizar o passado: movimento Mangue e a Antropologia revisitada</i>	Sociologia	2005
18	Eduardo Fernandes Nazareth	<i>A ideia de mestiçagem na obra de Gilberto Freyre de Casa Grande & Senzala à segunda edição de Sobrados & Mocambos</i>	Sociologia	2005
19	Charlles da Fonseca Lucas	<i>O Processo de auto-modelagem em Noebert Elias</i>	Sociologia	2006
20	Kelly Pedroza Santos	<i>A Peste Branca: um estudo de "Vozes de Campos de Jordão" de Oracy Nogueira</i>	Sociologia	2008
21	Alessandro Garcia da Silva	<i>O pensamento econômico de Alceu Amoroso Lima</i>	Sociologia	2008
22	Fernando Antonio de Queiroz Randau	<i>Viagem redonda – Notas sobre a subjetividade e a tradição católica em "Minha Fé", de Joaquim Nabuco</i>	Sociologia	2009
23	Jairo Luiz Brod	<i>A cátedra e a tribuna: sociologia, política e língua em Gilberto Freyre</i>	Ciência Política	2009

Dados extraídos da Plataforma Lattes, <http://lattes.cnpq.br/1936292018521131>, em 02.06.2017.

No mesmo período, as teses de doutorado orientadas por Ricardo Benzaquen no IUPERJ foram as seguintes:

1	Marcelo Gantus Jasmin	<i>A historiografia de Tocqueville como ciência da política</i>	Ciência Política	1995
2	José Augusto Valladares Pádua	<i>A degradação do berço esplendido. Um estudo sobre a tradição original da ecologia política brasileira 1786-1888</i>	Sociologia	1997
3	Barbara Musumeci Soares	<i>Mulheres Invisíveis: Violência Familiar e Formações Subjetivas</i>	Sociologia	1997
4	Santuza Cambraia Naves	<i>O violão azul: modernismo e música popular</i>	Sociologia	1997
5	Gilson Pinto Gil	<i>Humildes, mascarados e gênios. Ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho.</i>	Sociologia	1997
6	Paulo Kramer	<i>Homo Democraticus, Homo Burocraticus. Tocqueville, Weber e a política como arma contra o individualismo e o desencantamento</i>	Ciência Política	1999
7	Silvana Gonçalves de Paula	<i>O campo na cidade. Esportes, country e ruralidade estetizada.</i>	Sociologia	1999
8	Carmen Lúcia Tavares Felgueiras	<i>O Futuro e suas Ilusões. Os Estados Unidos de Monteiro Lobato e Eduardo Prado</i>	Sociologia	1999
9	Robert Wegner	<i>Artifício e Natureza: A Conquista do Oeste Brasileiro segundo Sérgio Buarque de Holanda</i>	Sociologia	1999
10	Fernando Lattman- Weltman	<i>Jequitibá em Mato Miúdo: Vocação Intelectual e Retórica Política em Afonso Arinos</i>	Ciência Política	2000
11	Margareth de Almeida Gonçalves	<i>Império da fé: misticismo e narrativas do feminino em Goa e no Rio de Janeiro (Séculos XVII e XVIII)</i>	Sociologia	2002
12	Sonia Maria Giacomini	<i>A alma da festa. Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro: o Renascença Clube</i>	Sociologia	2004
13	Ronaldo O. de Castro	<i>A Experiência Literária : formação da literatura e construção da ordem na crítica literária de Antônio Candido</i>	Sociologia	2006

14	Ana Christina Darwich Borges Leal	<i>Na corda dos bambas : tradição e modernidade na construção social da malandragem.</i>	Sociologia	2007
15	Luciana Quillet Heymann	<i>De arquivo pessoal a Patrimônio Nacional: reflexões sobre a construção social do "legado" de Darcy Ribeiro</i>	Sociologia	2009

Dados extraídos da Plataforma Lattes, <http://lattes.cnpq.br/1936292018521131>, em 02.06.2017.

Esses quadros dizem muito acerca dos interesses intelectuais de Ricardo Benzaquen e das amizades que construiu na sua passagem pelo IUPERJ. Embora se saiba que dissertações e teses nem sempre guardam estreita proximidade com as pesquisas desenvolvidas pelo orientador, é possível toma-las como um sumário das suas preocupações naquele contexto. Esporte e futebol, por exemplo, preocupações presentes, porém não em número significativo dentre os títulos arrolados, constituíam um tópico que Ricardo, vez por outra, visitava e parecia mesmo querer retomar após tanto tempo desde a sua dissertação *Os gênios da pelota. Um estudo do futebol como profissão* (1980). Segundo Eduardo Fernandes Nazareth, em depoimento extraído do site *Sociófilo*,

“... na época em que nos conhecemos, Ricardo ensaiava uma tentativa de retomar o tema do futebol, com o qual se envolvera no seu mestrado. Ele era um apaixonado pelo esporte bretão. Ter tido contato com ele nesse momento foi definidor do caminho que trilharia. No segundo ano do mestrado ele me perguntou se eu não gostaria de escrever sobre esporte. Naquela ocasião eu achei que não teria tempo hábil para começar a tratar de um novo assunto. Mas a ideia ficou. De certo modo ele me fez crer que o esporte, mais do que uma memória dos grandes tempos ou uma paixão viva, poderia ser um objeto de estudos sociologicamente riquíssimo e com o qual, segundo ele, eu parecia me identificar. Minha tese de doutorado (mais tarde premiada e publicada) seria sobre esportes coletivos.”

Se os trabalhos sobre futebol foram escassos, o chamado pensamento social no Brasil, por outro lado, nomeia um conjunto numeroso e bastante heterogêneo de dissertações e teses orientadas por Ricardo – algumas delas tão bem-sucedidas, que passaram a constar como referência obrigatória em trabalhos posteriores. A simples listagem dos autores brasileiros tratados

por aqueles orientandos permite avaliar o controle que Ricardo detinha sobre história intelectual no país, em suas diferentes dobras, isto é, na literatura, na crítica, no jornalismo, na invenção, enfim, do Brasil: *Darcy Ribeiro, Antônio Cândido, Monteiro Lobato, Eduardo e Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, José Guilherme Merquior, Mario de Andrade, Afonso Arinos, Mario Filho, Capistrano de Abreu, Oracy Nogueira, Alceu de Amoroso Lima, Nelson Rodrigues, Otto Maria Carpeaux, para não falar de Gilberto Freyre e Joaquim Nabuco – esses dois últimos, sim, objetos de sua permanente e particularíssima inquirição.*

Mas são as questões sobre subjetividade, auto-modelagem, elaboração da personalidade as que recortam tanto as teorias e teóricos abordados pelos orientandos de Ricardo – *Georg Simmel, Georg Lukács, Max Weber, Norbert Elias* –, quanto a reflexão que empreendem acerca dos pensadores brasileiros. De fato, no IUPERJ, Ricardo manteve ativa a agenda intelectual que trouxe do seu mestrado, acrescida de questões pertinentes à teoria da história. E, conquanto procurasse repartir entre seus orientandos objetos mais compatíveis com o perfil (SIC) de um ou outro Programa, se percebe que no IUPERJ ou na PUC-Rio o conjunto da sua atividade esteve sempre marcado pelas aquisições intelectuais que fizera na sua passagem pelo Museu Nacional. O impacto daquela experiência será permanentemente lembrado por Ricardo, como na entrevista concedida à Revista de História da Biblioteca Nacional:

“... [Havia sido formado] em uma instituição muito próxima do marxismo [...] e começara a trabalhar com autores ligados à sociologia francesa [...], em que as categorias e classificações eram bem armadas e definidas. [Assim] ler *Casa-Grande & Senzala* foi uma experiência inesquecível [a que se associaram autores como Simmel e Gabriel Tarde] que “continham uma fluidez e uma ambiguidade ausentes na tradição do marxismo e da escola sociológica francesa”.

Sob a orientação de Gilberto Velho, sua dissertação acionou discussões travadas por um grupo de professores e alunos do Museu Nacional sobre o individualismo, entendido como categoria básica da sociedade ocidental. Dentre os aspectos que melhor traduzem aquele trabalho está a percepção de que o mundo do futebol é regido por valores individualistas, sendo o jogador brasileiro, mais do que o europeu, a expressão exasperada disso, uma vez que dele se espera o brilho pessoal, singular, em contraste com o

estilo de jogo mais coletivo que tem lugar em outros contextos nacionais. Está aí, como se vê, a fricção entre dimensões contrapostas – singularidade e equipe, por exemplo – que, atuando na conformação do jogador, não se excluem ou anulam: construção analítica que comparece na leitura que Ricardo fará de *Casa Grande & Senzala*.

Contudo, o encontro de Ricardo com Gilberto foi, de início, tenso. Seu texto lhe parecia confuso, pois não oferecia grandes planos da vida social. E sua “[...] *prosa era marcada por certo tipo de narrativa oral, que ia e voltava:[...] tive dificuldade [para] compreender a melhor maneira de lidar com aquilo.*” A familiaridade com o ziguezague de Freyre, porém, foi sendo conquistada com a ajuda de Simmel, mais precisamente de um Simmel ainda pouco explorado no nosso debate intelectual de então, cujos textos dialogam com as artes e os movimentos de vanguarda na sociedade alemã, e conferem positividade a paradoxos e ambivalências. Durante a elaboração de sua tese de doutorado, Georg Simmel será o autor da predileção de Ricardo, que pôde se valer da preciosa biblioteca do IUPERJ e ainda ampliar aquele patrimônio com um razoável número de títulos que poucas instituições no Brasil teriam podido adquirir. A contribuição, aliás, de Ricardo à ampliação e racionalização do acervo da biblioteca da Rua da Matriz deverá ser, um dia, aquilatada por uma pesquisa sensível sobre aqueles livros e seus leitores. O fato é no primeiro semestre de 2004, Ricardo proporá uma disciplina eletiva a que deu o nome de **A herança de Simmel: cultura, tragédia e experiência no pensamento alemão**, com a qual pretendia ...

“Considerar a contribuição oferecida por alguns filósofos e historiadores a problemas de natureza especificamente sociológica, qual seja, o papel desempenhado pela biografia, pelo romance e pelo cinema, por exemplo, em um possível esforço de reencantamento do mundo.”

Os anos seguintes ainda veriam algumas disciplinas eletivas propostas por Ricardo, saltadas, porém, em semestres específicos, que coincidiam com o agravamento de seus problemas de saúde. Em 2009, cursos, orientações e pesquisa parecem convergir, gradualmente, para a questão da modelagem da personalidade de intelectuais brasileiros de diferentes gerações. Vários de seus orientandos se encontravam alinhados pela ideia de analisar textos de caráter confessional, como memórias, diários, relatos de viagem e, sobretudo, cartas – algo que já vinha sendo posto em prática por Ricardo na análise que empreendeu do livro *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco. O

plano frutificou e o melhor exemplo disso é o fato de que o último projeto que Ricardo encaminhou ao CNPq, solicitando a renovação de sua Bolsa de Produtividade, data de 2012 e tem como título *Cinzas e diamantes. Escravidão, aventura e direito natural no jovem Joaquim Nabuco*. 2009 foi, por isso, o ano em que Ricardo começa a definir o tema da sua nova pesquisa e a desenhar um modo mais eficiente de estabelecer o seu cotidiano, trazendo seus orientandos para uma posição mais ativa na organização das atividades concernentes ao grupo.

Aquele, porém, foi também um ano que assistiu o término de uma experiência muito importante para a vida acadêmica brasileira e para a cultura científica e intelectual do Rio de Janeiro, pois o IUPERJ, da maneira como havia sido construído e se consolidara nos últimos 20 anos, ruína. Tal fato não deverá ter sido facilmente assimilado por Ricardo, cujo gosto analítico pela fluidez, instabilidade e ambivalência convivia, em outro plano, com sua preferência por um cotidiano estável – e até certo ponto previsível –, em que ambiguidades, conflitos e transbordamentos fossem contidos em prol do trabalho. Desmontada a biblioteca do IUPERJ, é de se imaginar a sensação de orfandade que o acometeu... Tudo isso teve impacto nos anos que se seguiram, coincidindo com um momento de revitalização da pós-graduação em História Social da Cultura e com a chegada de alguns de seus jovens amigos, ex-orientandos, a posições institucionais no circuito disciplinar da História. A saúde mais debilitada e a reaproximação intelectual e afetiva com a PUC-Rio o conduziram de volta – e, dessa vez, integralmente – à Gávea.

Em resumo, o IUPERJ foi o cenário das grandes “passagens” de Ricardo, vividas ali, porém, com muita divisão. Foi lá que se tornou ampla e nacionalmente conhecido pela presença em instituições de representação, como a ANPOCS, ou de fomento, como nos comitês de avaliação da Capes, de que participou; foi lá que sua agenda intelectual se complexificou enormemente, inclusive pelo embate com outras referências disciplinares; foi lá que concluiu sua tese de doutorado e viu seu trabalho ser reconhecido dentro e fora da academia, como ganhador do Prêmio Jabuti; e foi lá também que pôde ler e estudar como sempre planejava, em virtude da disponibilidade de livros, tempo e jovens aplicados a esse objetivo. Mas a divisão sempre se impôs a ele. Como percebeu um de seus alunos, Paulo Henrique Cassimiro:

“[...] lembro-me que, em uma das muitas conversas que tivemos no começo de suas aulas, eu comentava com ele sobre a obra de Isaiah Berlin, que lia naquela altura em razão da dissertação de mestrado. Ele me dizia que considerava Berlin um autor superestimado, opinião com a qual eu concordava, lembrando-o, contudo, de um belo ensaio que o emigrado russo havia publicado nos anos 50 sobre Dostoievski e Tolstoi, no qual utilizava as imagens da raposa e do ouriço para comparar os dois tipos de intelectuais: se o ouriço se caracterizava por se concentrar no conhecimento de uma só coisa muito importante, a raposa era marcada pelo pluralismo e a dispersão de interesses.

Aquele momento foi um dos poucos em que ouvi Ricardo falando de si mesmo, ao confessar-me que ele encarava sua trajetória intelectual e acadêmica à semelhança da raposa de Berlin, cercado de muitos interesses e temas diversos, sem se estender perpetuamente em nenhum deles, sem se tornar um acadêmico marcado pelo signo do “especialista” [...]”

Recebido em
março de 2017

Aprovado em
maio de 2017